



BEM-AVENTURADOS

FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS – JANEIRO - MARÇO 2008 (ANO 46)

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO BEM-AVENTURADO FRANCISCO

O bem-aventurado Francisco nasceu em Aljustrel, pequena povoação da freguesia de Fátima, a 11 de Junho de 1908. Nove dias depois, a 20 de Junho, foi baptizado. Seus pais, Manuel Pedro Marto (1873-1957) e Olímpia de Jesus (1864-1956), eram cristãos piedosos, com a fé simples e sólida, que caracterizava a boa gente da serra. Em pleno período das aparições, a 7 de Setembro de 1917, o então jovem advogado, Dr Carlos de Azevedo Mendes, após ter falado com o pastorinho, descreve-o assim numa carta: «Carapuça enterrada pela cabeça, jaleca muito curta, colete deixando ver a camisa, calças justas, enfim um homem em miniatura. Bela cara de rapaz! Olhar vivo e cara agarotada. Com ar desempenado responde às minhas perguntas.» Cerca de dois meses e algumas semanas mais tarde, após a última aparição, o Barão de Alvaiázere, Dr. Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos, numa visita a Fátima, descreve-nos também o rapazinho: «Era uma criança de dez a doze anos trajando à moda do campo, bastante alegre e despreocupado, ao que parecia. Convidámos o pequeno a acompanhar-nos ao que ele se prontificou logo, saltando sorridente para o automóvel que nos conduzia. Fizemos-lhe várias perguntas mas ele sorria mais do que falava, mostrando-se muito deslumbrado com as várias peças do automóvel.»

Pelas descrições da Irmã Lúcia conhecemos como ele gostava dos pássaros, de tocar o seu píforo e de cantar. Animava-se com as candeias dos Anjos, mas nada o encantava tanto como o lindo nascer e pôr-do-sol. Enquanto deste se avistava algum raio, não investigava se havia alguma candeia acesa.

Na companhia de sua irmã Jacinta de 7 anos e de sua prima Lúcia de 10, na primavera de 1916 numa colina próxima de suas casas, Francisco viu um jovem dos seus 14 ou 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e de uma grande beleza. Era o Anjo da Paz que lhes falou e os

ensinou a rezar, pois os Corações de Jesus e Maria estavam atentos à voz das suas súplicas. O encontro com o Anjo repetiu-se mais duas vezes.

Meses mais tarde, ao meio-dia de um domingo, dia 13 de Maio, viram na Cova da Iria, sobre uma pequena azinheira, uma Senhora vestida de branco, mais brilhante que o

sol, espargindo luz mais clara e intensa que um copo de cristal, cheio de água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente.

A Senhora perguntou-lhes: «Que-reis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?»

«Sim, queremos» – respondeu a Lúcia em nome dos três.

Correspondendo aos pedidos do Anjo e da Senhora que ainda lhes apareceu mais cinco vezes, o Pastorinho Francisco entregou-se inteiramente à sua missão.

A heroicidade da sua curta vida foi reconhecida num rigoroso processo canónico, e após ter sido alcançado um milagre por sua intercessão e de sua irmãzinha, o Papa João Paulo II elevou-os à honra dos altares. «Colocados assim sobre o candelabro que Deus acendeu para alumiar a humanidade nas suas horas sombrias e inquietas» – disse o Papa ao celebrar a beatificação.

Brilhem eles agora ainda mais, com o seu exemplo, pelo modo como corresponderam ao apelo à conversão e à reparação das ofensas cometidas contra Deus e contra o Coração Imaculado de Maria. Ao prestar-lhes culto somos continuamente chamados a imitar as suas virtudes e a pedir com mais confiança a sua intercessão nas dificuldades das nossas vidas.

Tem sido do agrado de Deus conceder, por intercessão do bem-aventurado Francisco, grandes graças às pessoas que a ele se dirigem. Convém, no entanto, que os pedidos de graças sejam dirigidos aos dois pastorinhos, Francisco e Jacinta, já que para a sua canonização é necessário um milagre alcançado por intercessão de ambos.



A SANTIDADE DOS PASTORINHOS

P. Paolo Molinari, S.J.

O P. Paolo Molinari SJ, nomeado a 24 de Novembro de 1979 Postulador das Causas da Beatificação e Canonização dos Pastorinhos de Fátima, convidado para o Congresso Internacional «Fátima para o século XXI», no dia 11 de Outubro de 2007 apresentou a sua Conferência sobre a Santidade dos Pastorinhos.

O tema que me foi confiado e que devo desenvolver no contexto deste Congresso Internacional «Fátima para o Século XXI» é o seguinte: *a santidade dos Pastorinhos*.

Com o fim de responder às expectativas julgo necessário começar por apresentar algumas considerações fundamentais sobre o que é realmente a «santidade». De facto não há dúvida de que este termo é muitas vezes mal entendido e não são poucas as pessoas, mesmo entre os cristãos, que o associam e identificam a fenómenos extraordinários e a graças místicas, como se esses fossem a manifestação da santidade de uma pessoa.

Como a realidade é bem diferente, penso seja preciso esclarecer em que consiste a «santidade» e isso farei não propondo uma opinião minha, pessoal, mas sim referindo-me ao que o próprio Deus nos revelou e a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, nos ensina.

Deus revelou-se falando-nos por meio da sagrada Escritura cujo tema fundamental, exposto quer no Antigo quer no Novo Testamento, é sem dúvida a História da Salvação, e esta não é senão a história do amor de Deus pela humanidade e por cada ser humano. Com efeito Deus, que é Amor e Amor misericordioso, desde os primórdios da existência daqueles que criou deu-lhes a possibilidade de viver uma relação unitiva com Ele; ofereceu-lhes uma «Aliança», ou seja, um pacto de amor mútuo e recíproco. Foi Deus, ser supremo, que por sua livre iniciativa, portanto graciosamente, ofereceu e continua a oferecer àqueles que criou e que d'Ele dependem, a possibilidade de viver uma relação de amizade e protecção: trata-se obviamente de um pacto, um vínculo entre seres desiguais e, por isso, é lógico que Ele, como ser supremo, estabeleça condições que os seres humanos devem observar se querem manter a relação de união com Ele.

Infelizmente a história da salvação mostra-nos que, por parte dos seres humanos, a Aliança selada com o Senhor foi muitas e repetidas vezes traída e dessa falta de fidelidade aos compromissos tomados derivaram muitas consequências penosas, sendo a primeira delas o afastamento dos homens de Deus e daí formar-se uma sociedade que, privada dos critérios soberanos de Deus, se autodestroi porque os seres humanos e as nações querem ter a primazia uns sobre os outros e fazem-no impondo-se pela força e pela violência. Apesar disso, Deus, cheio de compaixão e de amor, tem constantemente feito tudo para chamar de novo os que se afastaram d'Ele e vem ao seu encontro manifestando a sua prontidão em perdoar àqueles que se convertem. Mandou portanto os profetas, precisamente com a missão de tentar induzir os seres humanos a viver segundo os compromissos tomados e a viver em união com Deus: eles cumpriram essa missão apelando mesmo às experiências humanas mais comovedoras nas quais o que prevalece é o tema do amor. Pensemos nos termos usados pelo profeta Oseias (Os. 2,20-24), nas semelhanças a que Ezequiel recorreu (Ez. 36,26 e 16,60), e nas imagens utilizadas por Isaías (Is. 54; 42,6 e 49, 6ss). No entanto, apesar de Deus ter feito

tudo para trazer de novo a Si os seres humanos, estes recusaram escutar a Sua voz com a qual tentava amorosamente reconduzi-los à sabedoria e posterior conversão para viverem aquela relação de união com Ele que eles próprios tinham quebrado.

O Prefácio da Oração Eucarística IV exprime claramente esta realidade dizendo: «muitas vezes ofereceste aos homens a tua aliança, e por meio dos profetas ensinaste a esperar na salvação. Pai santo, amaste tanto o mundo que nos enviaste na plenitude dos tempos, o teu único Filho como salvador. Ele fez-se homem por obra do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria; partilhou em tudo a nossa condição humana, excepto no pecado». Sendo «um com o Pai» (Jo. 10,30) o Verbo Encarnado amou-nos até ao fim (Jo. 13,1) e por isso ofereceu-se a Si mesmo como vítima de propiciação e expiação e estabeleceu a Nova Aliança no seu sangue; fez isto precisamente para unir os homens a Si e em Si ao Pai. Retomamos a este propósito as palavras pronunciadas por Jesus Cristo Nosso Senhor durante a última ceia, que nos foram transmitidas por S. João no capítulo 17, vs.20-24, do seu Evangelho: «Não rogo só por eles, mas também por aqueles que não-de crer em mim, por meio da sua palavra, para que todos sejam um só. Como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, de modo que sejam um, como Nós somos um. Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim».

Do que foi dito é portanto claro que segundo o pensamento de Deus a santidade consiste na «união com Cristo», mas isso significa levar a vida vulgar própria de cada um, movidos pelo Espírito que animou Jesus na sua vida terrena e que Ele infunde nos corações de modo para que também nós façamos tudo o que agrada ao Pai.

O Concílio Vaticano II ao procurar – sob a orientação do Espírito Santo – dar uma resposta à pergunta formulada por João XXIII: «Igreja, que dizes de ti própria?», nos primeiros dois Capítulos da Constituição dogmática «*Lumen Gentium*» apresentou numerosos textos da Sagrada Escritura que evidenciam a contínua actividade amorosa de Deus para unir os homens a si e, assim, valorizou o tema da Aliança na tentativa de levar os seres humanos a apreciar o que significa ser membro da Igreja: ela, de facto, está unida vitalmente a Cristo como os sarmentos à videira (cfr. Jo. 15,1-11) e por isso o Senhor suplica insistentemente a cada um dos membros do seu corpo (cfr. Col. 1,24): «*Permanecei em mim e eu em vós*» porque somente então dareis fruto (cfr Jo. 15,4-5). De facto é dele que flui no corpo a vitalidade e a capacidade de agir. Pode e deve-se, portanto, dizer o que o Concílio Vaticano II, isto é, a Igreja guiada pelo Espírito Santo, ensinou explicitamente, a propósito de santidade: ela consiste na «união com Deus». Tanto é assim que no Capítulo VII da Constituição dogmática «*Lumen Gentium*» que trata da

índole escatológica da Igreja peregrina, o Concílio exprimiu-se nestes termos: «Com efeito, a vida daqueles que fielmente seguiram a Cristo, é um novo motivo que nos entusiasma a buscar a cidade futura (cfr. Hebr. 13,14; 11,10) e, ao mesmo tempo, nos ensina um caminho seguro, pelo qual, por entre as efémeras realidades deste mundo e segundo o estado e condição próprios de cada um, podemos chegar à união perfeita com Cristo, na qual consiste a santidade.» (Lumen Gentium, n. 50).

Obviamente que cada pessoa é chamada a viver em união com Cristo, segundo o estado e as condições de vida que lhe são próprias, segundo a vocação que Deus lhe conferiu como membro do Corpo de Cristo no qual há uma grande diversidade de tarefas e de funções, como São Paulo amplamente descreveu (cfr. 1Cor. 12,4-27).

Foi exactamente o que os «Pastorinhos de Fátima» fizeram; eles foram a pouco e pouco percorrendo o «caminho estreito» no seguimento de Cristo e fizeram-no como crianças e enquanto tais: eles eram crianças e permaneceram crianças, cada um deles tinha o seu temperamento e o seu carácter, as suas qualidades e também os seus limites. O Senhor aproximou-se deles de um modo muito especial, bateu à porta dos seus corações com a ajuda, primeiro do Anjo, e depois de sua mãe, a «Senhora» e, como o próprio Senhor disse: «Se alguém escuta a minha voz e me abre a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo» (Apoc. 3,20).

Correspondendo de maneira cada vez mais generosa ao que lhes vinha sendo pedido os Pastorinhos desenvolveram uma grande familiaridade com Jesus e viveram de modo sempre crescente a sua união com Ele, segundo as características que eram próprias da sua natureza. Podemos então perguntar de que modo se verificou isso e quais são os sinais característicos que distinguem a maneira como, tanto o Francisco como a Jacinta, viveram a sua união com Cristo.

Francisco e Jacinta, meninos pequenos, criados numa família e num ambiente profundamente impregnado dos valores cristãos, como tantas outras crianças haviam aprendido o catecismo e sabiam quem é Jesus Cristo e sua Mãe, a Virgem Maria; conheciam os principais episódios da sua vida e que Ele morreu na cruz para reparar os nossos pecados enquanto a sua mãe estava a seus pés. Ambos tinham aprendido a rezar, ou melhor, a pôr-se de joelhos diante de Deus... tinham aprendido a recitar o terço em família, ou seja, a dirigir-se a Maria Santíssima repetindo as palavras que o Arcanjo Gabriel lhe tinha dirigido. E foi assim que, também quando levavam as ovelhas a pastar na Loca do Cabeço, encontravam espontaneamente tempo para rezar as orações que conheciam.

Gostavam de brincar uns com os outros, mas por vezes preferiam afastar-se e estar em silêncio para admirar a natureza, as flores que se abriam ao sol, os passarinhos que esvoaçavam, os cordeirinhos que saltitavam; alegravam-se ao escutar o chilreio dos pássaros e o balido das ovelhas e o soprar do vento com o que arrasta consigo e estiveram também atentos à vinda inesperada de um Anjo que trazia na mão esquerda um cálice e na direita uma hóstia suspensa da qual caíam gotas de sangue no cálice.

O mesmo Anjo ajoelhou-se ao lado dos três meninos e convidou-os a repetir três vezes a seguinte invocação: «*Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, ado-*

ro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido». Depois o Anjo continuou ainda a oração dizendo: «*Pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores*».

Da narrativa destes acontecimentos, que nos deixou a prima dos dois Pastorinhos, a Irmã Lúcia, sabemos também que depois de ter elevado o cálice e a hóstia, o Anjo deu a hóstia à Lúcia, enquanto que à Jacinta e ao Francisco deu a beber o conteúdo do cálice, dizendo: «*Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparaí os seus crimes e consolai o vosso Deus*». Prostrando-se em terra uma vez mais, repetiu três vezes a mesma oração: «*Santíssima Trindade,...*» e depois desapareceu.

Seguindo o exemplo dado pelo Anjo, puseram-se de joelhos para adorar a Deus, e fizeram-no sem dúvida de uma maneira nova e bem mais profunda do que aquela que habitualmente utilizavam quando repetiam a oração da manhã «*Adoro-Vos meu Deus e agradeço-Vos por me terdes criado...*». O Senhor tinha-se pois feito presente de um modo fora do habitual e batera à porta dos seus corações: eles escutaram e abriram-nos; Ele entrou para partilhar com eles o que tem no seu íntimo e, num pacto de amor, pediu-lhes que tomassem parte com Ele na sua missão pela humanidade pecadora. Operando neles com a graça, Deus, a Quem agrada revelar-Se aos pequeninos (cfr. Mt. 11,25; Lc. 10,21), «*imprimia a sua lei de amor no íntimo deles gravando-a no seu coração*» (cfr. Jer 31,33), e dando-lhes a beber o sangue por Ele derramado pela salvação do mundo, transformava-os interiormente para uni-los a Cristo para que o Seu Filho os tornasse participantes do que Ele suportou e quer viver nos membros vivos do Seu corpo que é a Igreja para completar o que falta à sua paixão» (cfr. Col. 1,24).

É desde essa aparição do Anjo da Hóstia que Francisco e Jacinta intensificam a sua oração e desejo ardente de receber a Eucaristia: sabia-se, de facto, que o Papa Pio X, desde 1910, com a sua fina intuição de Pastor das almas e de Santo, promovera vigorosamente o acesso à Santíssima Eucaristia às crianças que atingiam a idade da razão (Decreto «*Quam singulari Christus amore*» da Sacra Congregatio de Sacramentis de 8 de Agosto 1910 aprovado pelo Papa Pio X) superando a oposição proveniente de várias partes: este Santo Sumo Pontífice estava convencido de que, em consequência da sua insistência em admitir meninos à S. Comunhão, haveria no futuro também crianças canonizáveis. Apesar disso muitos bispos e sacerdotes, ainda no tempo em que viviam os Pastorinhos de Fátima, eram reticentes em conceder a Comunhão a pequeninos. (Carta de Pio X ao bispo francês de Valence: «*Em França critica-se exasperadamente a Comunhão precoce, que nós decretamos, mas digamos que, por causa dela, haverá santos entre as crianças e Vós vê-lo-eis!*»). O mesmo acontecia em algumas zonas de Portugal, facto este que fazia sofrer os dois Pastorinhos de Fátima, que suspiravam ardentemente por poder receber o Corpo de Jesus presente na Hóstia consagrada que o Anjo lhes mostrara.

(*Continua*)

MEMORIAL NO CEMITÉRIO DE OURÉM

Pouco antes da morte de seu irmãozinho Francisco, ocorrida em Aljustrel, a 4 de Abril de 1919, Jacinta já se encontrava também doente quando Nossa Senhora os foi visitar. Jacinta contou depois a sua prima Lúcia: «Nossa Senhora veio-nos ver e diz que vem buscar o Francisco muito em breve para o Céu. E a mim... disse-me que ia para um hospital...» Este hospital era o de Santo Agostinho, em Vila Nova de Ourém, onde esteve internada durante os meses de Julho e Agosto de 1919.

Lúcia conta-nos também: «De novo a Santíssima Virgem se dignou visitar a Jacinta, para lhe anunciar novas cruzes e sacrifícios. Deu-me a notícia e dizia-me: – Disse-me que vou para Lisboa, para outro hospital; que não te torno a ver, nem os meus pais; que, depois de sofrer muito, morro sozinha, mas que não tenha medo; que me vai lá Ela a buscar para o Céu.»

Jacinta com sua mãe pernovernaram na estação do Rossio, em Lisboa, na noite de 21 de Janeiro de 1920. No dia seguinte foram acolhidas por Maria da Purificação Godinho, directora do Orfanato de Nossa Senhora dos Milagres.

A 2 de Fevereiro Jacinta foi admitida no Hospital de D. Estefânia e aí foi operada pelo Dr. Leonardo de Sousa Castro Freire. Sessenta anos mais tarde, a 5 de Maio de 1980, por causa do Processo de Beatificação dos Pastorinhos, o Bispo de Leiria-Fátima, D. Alberto Amaral encontrou-se com Prof. Dr. Castro Freire e perguntou-lhe: «Senhor Doutor, nada de especial impressionou V. Ex.cia no comportamento da Jacinta, durante ou depois da operação, mesmo sem saber que se tratava da vidente de Fátima?» A resposta do médico foi: «Eu cá digo a verdade! Era uma criança normal como as crianças da sua idade, com um desenvolvimento psíquico normal. Claro que eu a conheci num estado de decadência física muito grande, com consequências no seu psíquico, como é natural. Deu-me a impressão...,

deixou-me sempre a impressão de uma criança com muita coragem, porque uma anestesia que não é geral, não evita todas as dores com a abertura da fístula, etc... As únicas palavras que lhe ouvi durante a operação foram apenas: «Ai! Jesus! Ai! Meu Deus!»

Manuel Fernandes, empregado do hospital, que conheceu a Jacinta e a transportou em maca da sala de operações para a enfermaria, prestou igual declaração: «A menina Jacinta era diferente das outras... muito sossegadinha! Olhava-se para aquele ser e via-se que era uma inocentinha que ali estava».

No meio das dores mais cruéis apenas deixava escapar estes queixumes: «Ai Nossa Senhora! Ai Nossa Senhora! Paciência! Todos temos de sofrer para ir para o céu.»

No dia 20 de Fevereiro de 1920, pelas seis horas da tarde, a Jacinta declarou que se sentia mal e pediu os sacramentos. Fez a última confissão ao prior da freguesia dos Anjos, Dr. Manuel Pereira dos Reis e, pelas dez e meia da noite expirou tranquilamente.

O seu corpo foi levado para a casa mortuária do hospital. Vestiram-na de branco com uma cinta azul. No dia 21 de

Fevereiro fez-se a transladação do seu corpo para a igreja dos Anjos onde permaneceu até dia 24, seguindo depois de comboio para a estação de Chão de Mações (Fátima).

No cemitério de Fátima só havia campos rasos, por isso e a pedido do Dr. Formigão, o Barão de Alvaizere pôs à disposição o jazigo de sua família em Vila Nova de Ourém, onde o corpo da pastorinha ficou até à sua transladação para o cemitério de Fátima, em 12 de Setembro de 1935.

A partir de Abril de 2008 este Memorial, no cemitério de Ourém, junto ao jazigo da família Alvaizere, recordará aos habitantes de Ourém e aos devotos que o visitarem, o lugar onde descansou durante quinze anos, o corpo da bem-aventurada Jacinta Marto.



*-Quería pedir-Lhe para nos levar para o Céu
-Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve
(Aparição em 13 de Junho de 1917)*

AQUI DESCANSARAM OS RESTOS MORTAIS DE
JACINTA MARTO
(ALJUSTREL 11.06.1910 - LISBOA 20.02.1920)
A QUEM NOSSA SENHORA APARECEU

A urna com o corpo depositado
25 de Fevereiro de 1920
no jazigo da Família do Barão Alvaizere

12 de Setembro de 1935
transladado para o Cemitério de Fátima

30 de Abril de 1951
identificado o seu corpo incorrupto
e transferido para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário
onde hoje se encontra.

O Papa João Paulo II beatificou a Jacinta
com o seu irmão Francisco em Fátima
no Ano Santo, em 13 de Maio de 2000.

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO - Publicação trimestral - Preço: 0,05e - Director: P. Luís Kondor, svd
Editor e Proprietário: Secretariado dos Pastorinhos – Apartado 6 – 2496-908 FATIMA – PORTUGAL Rua de S. Pedro 9
Tel. 249 539780; 531282. Fax 249 539789 **Consulte o nosso site na Internet: www.pastorinhos.com**
Banco Millennium: IBAN: PT 50-0033-0000-45340426373-05 NIB: 0033-0000-45340426373-05 SWIFT: BCOMPTPL
E-Mail: Sec.pastorinhos@mail.telepac.pt. Impresso na Gráfica Almondina - Zona Industrial - P-2354-909 Torres Novas- D.G.G.S. Nº 101052